

Fernando Pessoa

**(Depois do amor — na treva)**

(Depois do amor — na treva)

Eis-me enfim só, oh desejado horror  
Eis-me enfim ante ti, oh Universo!  
Eis-me aqui, lama e (...) mistério,  
Excluído de ti, o eterno expulso  
Que não pedia a vida. Eis-me aqui.

Pudesse eu pôr no seu desmedimento  
O ódio (...) e afrontar-vos  
Com a expressão desse ódio, oh silêncios,  
Oh noites ao pensar! eu morreria  
De haver interpretado em tanto horror  
Um mor horror que interpretar não pode  
O que há-de ser palavra ou pensamento.  
Eis-me aqui, oh abismo explicado!  
Eis-me aqui o maior dos seres todos,  
Quebrando aos pés do pensamento forte  
A cruz de Cristo e as fórmulas mortais  
[...]  
Eis-me aqui!  
O que há para mim senão vacuidade  
No mundo (...), o que me destinastes?  
O vazio? O silêncio? A escuridão?  
Desses-me o instinto deles, não a plena  
Torturação da luz.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 107d.